

ESPORTES

World Boxing/Divulgação

Nas cordas

VICTOR PARRINI

Se a distribuição de recursos do Comitê Olímpico do Brasil (COB) em 2026 considerasse somente os resultados obtidos em campeonatos mundiais do ano passado, o boxe seria o mais abastado entre os 38 beneficiários, com os R\$ 16,5 milhões da ginástica. Entretanto, a nobre arte tem de se “contentar” com R\$ 10,1 milhões, o 9º maior repasse. Mas o valor não é problema e, sim, o fato de ser praticamente a única fonte de renda da modalidade que acostumou a entregar muito com pouco.

Das 20 medalhas conquistadas pelo Brasil em campeonatos mundiais do ano passado, quatro tiveram as mãos dos boxe, as pratas de Yuri Falcão, Luiz Oliveira e Isaías Ribeiro e o ouro de Rebeca Lima. Considerando Jogos Olímpicos, a modalidade se orgulha de ter “medalhado” em quatro edições consecutivas do megaevento — Londres-2012, Rio-2016, Tóquio-2020 e Paris-2024. Apesar dos ciclos de pódios, a nobre arte carece de patrocinadores.

Eleita a maior revelação do esporte nacional no Prêmio Brasil Olímpico 2025, Rebeca Lima tornou pública a necessidade da modalidade. “Não aponto que é patrocínio de luvas que não chegam, é muito mais profundo que isso. É estrutural, de o governo investir no desenvolvimento da modalidade e, obviamente, isso começa desde a base”, queixa-se em entrevista ao **Correio**. Ela se recorda que a base costuma ser feita no país por projetos sociais,

como o da ONG Luta Pela Paz, que a lapidou no Complexo da Maré, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro onde cresceu.

Segundo Rebeca, há um sentimento de injustiça devido ao apoio dado por empresas e até pelo governo a outras modalidades, que não entregam tanto quanto o broxe. “Ganhamos e ainda temos que implorar por atenção. Outros esportes têm mais visibilidade com menos resultado e continuam sempre na mídia, sempre sendo bem vendidos. Não estou dizendo que eles não precisam ser tão vendidos porque não têm tantos resultados. Pelo contrário, são os que não estão que precisam entrar nessa também”, defende.

Portanto, o retorno, tanto midiático quanto monetário não é equiparável aos resultados. “Patrocinadores adoram chegar na porta das Olimpíadas, porque se estampam a cara deles com o seu sucesso, dá a entender que fizeram parte de tudo aquilo. Mas, na real, não. Chegam no momento do ápice. Por isso, valorizamos muito as marcas que chegam com o propósito real de acompanhar o processo de desenvolvimento da modalidade”, expõe a atleta, que complementa: “O Brasil deveria devolver para o boxe aquilo que o boxe sempre dá: a transformação de vida. É só dar mais poder para o boxe continuar fazendo o que já faz.”

Presidente da Confederação Brasileira de Boxe (CBBBoxe), Marcos Brito endossa o discurso. “Dependemos exclusivamente do COB e, eventualmente, de algum recurso que a

LA-2028 Presente nos pódios dos últimos quatro Jogos Olímpicos e modalidade do programa brasileiro com mais medalhas em campeonatos mundiais em 2025, boxe se acostuma a entregar muito com pouco, enquanto carece de patrocinadores



Aos 25 anos, a carioca Rebeca Lima (de azul) é campeã mundial em Liverpool da categoria 60kg e um dos principais nomes da nova geração dos ringues do Brasil

gente consegue fazer em convênio com o Ministério do Esporte, prefeitura ou governo de estado para projetos específicos. Falta o apoio de um patrocinador que entenda o objeto social do boxe. Particularmente, não entendo isso”, indaga.

O dirigente reclama do desinteresse de estatais, por exemplo. Considera estranho o atual governo, segundo ele, voltado ao social, não enxergar o

potencial do boxe. Normalmente, as conversas com potenciais patrocinadores avançam, mas travam antes dos ajustes finais. Brito e Rebeca têm uma tese: de que há o pré-conceito por ser uma modalidade “violenta”. “Falta conhecimento do que é o boxe. É uma prática de contato, não tenho dúvida, mas o futebol e o basquete também são. Se fosse esse o motivo, estaríamos tal qual os outros. Temos

a segurança do atleta”, ressalta. As delegações do boxe brasileiro costumam fazer 10 viagens internacionais por ano. O custo de levar atletas, técnicos e todo o suporte necessário varia entre R\$ 200 mil e R\$ 350 mil. “Se é para apoiar um esporte, não precisa apoiar os que já têm patrocinadores e que são fortes e têm um orçamento grande. Na minha opinião, é quase uma questão

obrigatória ter um investimento no boxe”, manifesta Brito. O investimento do COB no boxe cresceu 53% entre 2021 e 2026, mas a modalidade caiu do 4º para o 9º lugar no ranking de repasses nesse período. Mesmo assim, segue recebendo mais, como os R\$ 10,1 milhões desta temporada, porém perde espaço e prioridade em relação a outros esportes.

TÊNIS

Sinner terá a chance de “vingar” João Fonseca

Dois dos principais candidatos ao título do Australian Open, o primeiro Grand Slam da temporada 2026, entraram em ação nesta rodada e confirmaram favoritismo sem grandes sustos, ontem, em Melbourne. O italiano Jannik Sinner superou o australiano James Duckworth (88º) por 3 sets a 0, enquanto Novak Djokovic bateu o italiano Francesco Mastrelli (141º) também sem perder nenhuma parcial.

Vencedor das duas últimas edições do Grand Slam australiano, Sinner, número 2 do mundo, bateu o rival em 1h49 de partida. O resultado positivo veio com parciais de 6/1, 6/4 e 6/2. Além de estabelecer a terceira vitória em quatro duelos contra o tenista da Oceania, Sinner ampliou a série invicta no circuito e ostenta 17 triunfos em sequência.

O próximo adversário da estrela italiana será o americano Eliot Spizzirri (85º), responsável pela eliminação do prodígio brasileiro, João Fonseca, na primeira rodada do Grand Slam na Austrália, há três dias. Spizzirri confirmou a permanência no torneio ao vencer o chinês Yibing Wu por 3 sets a 2, parciais de 6/2, 6/4, 6/7 (4/7), 4/6 e 6/3.

Sinner analisa ter começado bem a temporada 2026 e acredita estar em uma das fases mais equilibradas da jovem carreira, aos 24 anos. “Sinto que estou em boa forma neste momento. Sei o quanto me esforcei, então o corpo está bem, e a mente também está em um bom momento. O primeiro torneio do ano é sempre muito, muito especial para todos nós”, destaca.

Djokovic

Atual número 4 do ranking, Novak Djokovic dominou o confronto contra o italiano Francesco Mastrelli. O placar foi de 3 sets a 0 e veio com parciais de 6/3, 6/2 e 6/2. Recordista de conquistas do torneio (foi campeão em 10 oportunidades), o sérvio de 38 anos quer igualar uma marca que pertence ao suíço Roger Federer: o número de vitórias na competição australiana.

Djokovic chegou a 101 triunfos em 111 jogos e está a apenas uma vitória de empatar com o lendário tenista, aposentado desde 2022. O objetivo pode ser alcançado na próxima rodada do Australian Open, contra o holandês Botić Van de Zandschulp, que derrotou o chinês Juncheng Shang pelo por 3 sets a 0, parciais de 7/6 (8/6), 6/2 e 6/3.

Vivendo a alegria do centenário de vitórias no Australian Open, Djokovic diz qual é segredo para a longevidade no alto rendimento. “Eu sempre tento trabalhar com um propósito. Tive uma boa pré-temporada, quando eu tenho mais tempo, tento olhar para o meu jogo e diferentes elementos que posso melhorar. Se não, qual é o sentido de competir e não tentar ser melhor que na temporada anterior? Esse é o tipo de mentalidade que eu tento ter e o que me permite jogar em alto nível nessa idade”, compartilha.

“Estou feliz que esteja valendo a pena. Obviamente, é só o começo do torneio. Mas estou muito contente que eu esteja jogando dessa maneira”, concluiu a estrela das quadras, que não dá indícios de aposentadoria.

David Gray/AFP



Jannik Sinner está à caça ao tri consecutivo do Australian Open

Destaque do dia

Handebol

Bruna de Paula concorre ao prêmio de Melhor Jogadora do mundo de handebol. A mineira de 29 anos concorre com as norueguesas Henry Reistad e Katrine Lunde. A temporada 2025 foi especial para Bruna, uma das responsáveis por levar o Brasil às quartas de final do Mundial, com 29 gols marcados e o título de melhor armadora do torneio. Pelo clube húngaro Gyori, conquistou a Liga dos Campeões.



FÓRMULA 1

A nova cara da Mercedes para a temporada

A Mercedes apresentou, ontem, o novo carro para a disputa da temporada de 2026 da Fórmula 1, o W17. O campeonato da principal categoria do automobilismo mundial terá início em março. A divulgação foi feita por meio das redes sociais. Um evento oficial de lançamento ocorrerá em 2 de fevereiro. Andrea Kimi Antonelli e George Russell são os pilotos da escuderia.

O novo modelo da Mercedes mantém as cores preta, prata e verde-água. O carro, porém, tem quatro listras na lateral do chassi, em branco. O design preto e prateado praticamente não sofreu alterações. O logotipo da empresa de tecnologia Microsoft é visto na caixa de ar e nas placas finais da asa dianteira.

“A F1 passará por mudanças significativas em 2026, e estamos preparados para essa transição”,

disse o chefe da equipe, Toto Wolff. “Os novos regulamentos exigem inovação e foco absoluto em todas as áreas de desempenho. Nosso trabalho no novo carro e o desenvolvimento de longo prazo da unidade de potência e combustíveis sustentáveis avançados com a Petronas refletem essa abordagem”, completou.

“Divulgar as primeiras imagens do W17 é simplesmente o próximo passo nesse processo. Isso representa o esforço coletivo e contínuo de nossas equipes. Continuaremos nos empenhando ao máximo nos próximos meses”, concluiu.

Na última temporada da Fórmula 1, a equipe alemã ficou na segunda posição do Mundial de Construtores, atrás da McLaren. O novo carro será testado na pré-temporada, que acontece de 26 a 30 de janeiro, em Barcelona.

A Mercedes desponta como uma das favoritas para este ano na Fórmula 1, com início em 8 de março na Austrália. Segundo rumores nas redes sociais, os motores da escuderia estariam com vantagem sobre outras equipes, apresentando maior potência.

Mercedes-Benz Group AG/AFP



O W17 será testado em pistas a partir de 26 de janeiro em Barcelona